

Gramática e Teoria Musical

Hugo L. Ribeiro
hugolribeiro@yahoo.com.br

15 de janeiro de 2007

1 Gramática Musical

1.1 Pentagrama

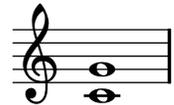
É o conjunto de cinco linhas e quatro espaços sobre os quais se escrevem as notas e símbolos da grafia musical ocidental. As linhas e os espaços são contados de baixo para cima. Além das linhas e espaços do pentagrama, é possível acrescentar linhas e espaços suplementares (superiores ou inferiores), para grafar notas mais agudas ou mais graves.



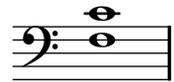
1.2 Claves

São os sinais escritos sobre o pentagrama, no início de uma partitura musical. As claves têm a função de indicar qual é a altura de nota escrita no pentagrama. Atualmente são usadas somente cinco tipos de claves:

Clave de sol na segunda linha indica que a nota escrita sobre a segunda linha do pentagrama é um sol, uma quinta acima do dó central (dó₃). Entre os instrumentos que utilizam esta clave estão a flauta, o oboé, o clarinete, o trompete, a trompa, o violino, a marimba, a celesta, violão, etc...



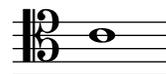
Clave de fá na quarta linha indica que a nota escrita sobre a quarta linha do pentagrama é um fá, uma quinta abaixo do dó central (dó₃). Entre os instrumentos que utilizam esta clave estão o fagote, o trombone, a tuba, os tímpanos, o violoncelo, o contrabaixo, etc...



Clave de dó na terceira linha indica que a nota escrita sobre a terceira linha do pentagrama é o dó central (dó₃). Atualmente, o único instrumento que utiliza essa clave é a viola.



Clave de dó na quarta linha indica que a nota escrita sobre a quarta linha do pentagrama é o dó central (dó3). Atualmente, essa clave só é utilizada quando instrumentos graves, que são escritos preferencialmente na clave de fá na quarta linha, tocam notas muito agudas. Nesse caso, para facilitar a leitura, substitui-se a escrita em clave de fá com muitas linhas suplementares superiores, pela clave de dó na quarta linha.



Clave de região ou Clave de percussão é utilizada para instrumentos sem altura definida. Apesar de ser comumente associada com instrumentos de percussão, é possível usá-la em instrumentos de altura definida, quando estão tocando trechos com altura indefinida.



Exemplo de uma escala na clave de Sol:



Exemplo de uma melodia na clave de Sol:



1.3 Cifras

Cifra é um sistema de notação musical, na qual cada nota é simbolizada por uma letra específica: C (dó) – D (ré) – E (mi) – F (fá) – G (sol) – A (lá) – B (si). No Brasil, assim como outros países de língua latina, nós conhecemos as notas pelo seu nome original em Latim: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si. Em países de língua inglesa, o nome da nota é a letra que simboliza a cifra. Por exemplo, no Brasil nós falamos: “Por favor, toque as notas dó, mi e sol”. Traduzida para o inglês essa frase seria: “Por favor, toque as notas C, E e G”.

Quando escritas sobre uma pauta musical, as cifras também servem para indicar os acordes e sua qualidade. Por exemplo, a cifra C significa um acorde de dó maior, enquanto que a cifra Dm significa um acorde de ré menor.

Segue um exemplo de uma melodia cifrada.



Segue um exemplo de uma progressão harmônica em cifras.



1.4 Forma Musical

A forma de uma música é o esquema na qual ela pode ser dividida, e organizada. É a estrutura total da música, sob a qual agrupamos idéias semelhantes, e dividimos seções

diferentes. Toda composição musical parte de pequenas idéias que podem ser repetidas, desenvolvidas, ou abandonadas em função de outra idéia. Ou seja, podemos classificar os gestos musicais como uma **repetição** de um gesto anterior, uma **variação** de algum gesto anterior, ou um **contraste** em relação ao gesto anterior. Repetição, variação e contraste são as ferramentas básicas para o desenvolvimento de uma música.

A repetição de uma idéia é útil para que uma música tenha certa unidade, para que possamos melhor compreender e digerir aquela informação, ou para enfatizar sua importância. No entanto, repetições literais podem soar enfadonhas. Por isso, é muito comum que compositores, e intérpretes, lancem mão de repetições variadas, ou variações sobre uma idéia inicial. Por fim, o contraste também é importante para manter a atenção do ouvinte, após repetições ou variações.

Contrastes podem ser atingidos de diversas formas: mudando de tonalidade, mudando de modo, ritmo, andamento, dinâmica, textura, timbre e tessitura.

Uma música pode ser dividida em macro-estruturas (conjunto de idéias), e micro-estruturas (cada idéia individual). O ato de dividir, organizar e agrupar idéias de uma obra musical nós chamamos de Análise Estrutural (formal). Em geral, as análises formais abrangem diversos níveis de seções. Grandes seções são indicadas com letras maiúsculas (A). Seções menores são indicadas com letra minúsculas (a). A repetição de uma seção é indicada com a repetição da letra. A variação de uma seção é indicada com uma linha de apóstrofe (a').

Um exemplo de uma análise estrutural poderia ser:

A		B			A'	
a	b	a	b	b'	a	a'

1.5 Definições úteis

Tonalidade é a forma na qual as alturas de nota de uma música são estruturadas e organizadas, obedecendo uma hierarquia de relações. De forma simples, a tonalidade de uma música indica qual a escala utilizada para compor aquela música. Por exemplo, uma música em Lá Maior significa que ela foi composta usando as notas da escala de Lá Maior.

Modo pode significar tanto os modos eclesiásticos, como a diferença entre uma escala tonal maior (modo maior), e uma escala tonal menor (modo menor). Nesse caso, uma mesma escala, ou tonalidade, poderiam estar no modo maior, ou no modo menor (ver mudança de modo).

Andamento é a indicação de velocidade que se imprime à música, ou a um trecho musical. Usualmente é indicado no início da partitura. Existe uma grande variedade de andamentos, desde os mais lentos (Grave, Largo, Lento, Adágio), aos andamentos médios (Andante, Moderato, Animado), aos mais rápidos (Allegro, Vivace, Vivo, Presto).

Dinâmica é a graduação da intensidade sonora. Uma nota pode ser articulada, ou emitida com diferentes graus de intensidade. A dinâmica varia do pianíssimo (*ppp*), ao fortíssimo (*fff*), passando pelo pianíssimo (*pp*), piano (*p*), mezzo piano (*mp*), mezzo forte (*mf*), forte (*f*), e fortíssimo (*ff*).

Textura é a forma com que se tecem as diversas possibilidades de organização rítmica e melódica numa música. Há três maneiras básicas de se organizar uma textura musical. **Monofônica** é quando uma única melodia é ouvida, sem qualquer espécie de acompanhamento harmônico. **Homofônica** ocorre quando ouvimos mais de uma melodia, no entanto elas ocorrem de forma paralela, ou seja, executadas com um mesmo ritmo. **Polifônica** é quando duas ou mais melodias com ritmos diferentes são executadas simultaneamente.

Tessitura é a distância entre a nota mais grave e a nota mais aguda que um instrumento pode executar. Podemos também falar que o violino está tocando numa tessitura grave, ou seja, o violino está tocando numa região de notas graves.

Timbre é a qualidade sonora própria de cada instrumento. O timbre de uma flauta é o que faz com que a diferenciemos de um oboé, por exemplo. O timbre é formado pela infinita possibilidade de organização da série harmônica.

1.6 Mudança de modo

A mudança de modo ocorre quando uma peça, ou um trecho musical, passa do modo maior para o modo menor. Por exemplo, se uma peça começa em Lá maior, e muda para Lá menor. Nesse caso não dizemos que houve modulação, e sim mudança de modo, pois a tônica permanece a mesma. É a partir desse caso que surgem os “acordes de empréstimo modal”. Esses são acordes de um modo quando são utilizados no modo homônimo. Por exemplo, quando num contexto de Lá maior, usamos acordes pertencentes à tonalidade de lá menor, tais como o dó maior, ou o ré menor.

1.7 Modulação

A modulação ocorre quando uma peça, ou um trecho musical, muda de tonalidade, mesmo que seja para sua relativa. Por exemplo, se uma uma peça começa em Mi menor e depois muda para Sol maior. Nesse caso houve uma modulação pois, apesar de serem tonalidades relativas, houve uma mudança na tônica da tonalidade vigente. Outro exemplo, quando um trecho musical passa da tonalidade de Dó Maior para a tonalidade de Lá Menor, dizemos que houve uma modulação. Assim como, quando muda de Mi Menor, para Sol Menor, também houve uma modulação. Uma modulação não leva em consideração a mudança de modo, mas sim a mudança da tônica.

1.8 Série Harmônica

É o conjunto de harmônicos que soam junto com uma nota fundamental que é executada por um determinado instrumento. A série harmônica é parte essencial da qualidade física do som, isto é, toda vibração acústica natural é composta por uma nota fundamental e diversas parciais harmônicas. A combinação entre diferentes intensidades de cada harmônico que vibram juntamente com a fundamental é que vão definir o timbre de um instrumento. Abaixo segue o exemplo da série harmônica resultante quando se toca um dó1.



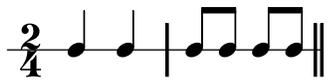
Intervalos da série harmônica:

8J – 5J – 4J – 3M – 3m – 3m – 2M – 2M – 2M – 2m – 2m – 2m – 2m

1.9 Fórmulas de compasso (simples, composto, irregular e misto)

As fórmulas de compasso servem para indicar como ocorrerá os agrupamentos rítmicos e acentos métricos dentro de um compasso. Nos compassos simples, a figura que vale 1 tempo é subdividida em duas de mesmo valor, ou seja, no compasso simples a divisão do tempo é binária. Nos compassos compostos, a figura que vale 1 tempo é subdividida em três figuras de mesmo valor, ou seja, no compasso simples a divisão do tempo é ternária. Os compassos irregulares e mistos ocorrem quando nenhuma das opções anteriores (simples ou composto) são suficientes para expressar, graficamente, a organização rítmica e acentos métricos. Vide os exemplos abaixo.

Compasso simples:



Compasso composto:



Compasso irregular:



Compasso misto:

1.10 Sinais de alteração e armaduras de clave

Os sinais de alteração (ou acidentes), são sinais utilizados logo antes da nota, com intenção de alterar sua altura. Existem basicamente três tipos de sinais de alteração: o sustenido, que eleva em meio tom a nota grafada; o bemol, que diminui em meio tom a nota grafada; e o bequadro, que anula qualquer acidente antes grafado. Importante lembrar que, se o sinal de alteração ocorre dentro de um compasso, ele só valerá para aquela oitava específica, e naquele compasso específico. Se mudar de compasso ou, mesmo dentro do mesmo compasso, mudar de oitava, o sinal de alteração não vale mais. Se quiser que o mesmo valha para todos os compassos, e todas as oitavas daquela nota em específico, deve-se escrevê-lo próximo à clave.

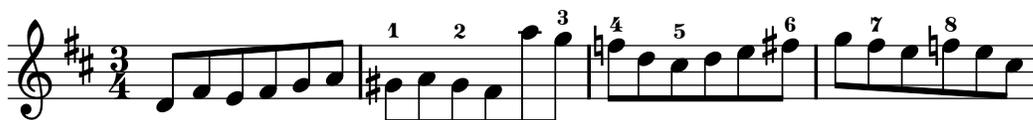
Os sinais de alteração escritos juntos à clave são chamados de ‘armadura de clave’, e conhecidos como sinais de alteração (ou acidentes) fixos. Uma armadura de clave irá impor aquelas alterações grafadas à todas suas notas referentes, em qualquer compasso

da música. Uma armadura de clave também serve para identificar a tonalidade de uma música.

No exemplo abaixo, a tonalidade sugerida pela armadura de clave é Ré Maior. Isso significa que, todas as notas dó e fá grafadas durante o trecho musical serão automaticamente interpretadas como dó sustenido e fá sustenido. Perceba que, no segundo compasso (numero 1), aparece uma alteração no sol. Como a armadura só altera as notas dó e fá, o sol tocado no primeiro compasso é interpretado como sol natural, obviamente. No entanto, com a alteração no início do segundo compasso, todo o sol escrito sobre a segunda linha do pentagrama será interpretado como sol sustenido. Isso vale tanto para o primeiro sol quanto para o segundo (numero 2). No entanto, nesse mesmo segundo compasso, ocorre uma outra nota sol, uma oitava acima (numero 3). Como essa nota está nua oitava diferente daquela na qual foi grafado o sustenido, ela não deve ser executada com a alteração, e sim como um sol natural.

No próximo compasso, a nota fá (numero 4) tem um bequadro, cancelando o sustenido imposto à todos os fás. Porém, o bequadro funciona da mesma forma que os sustenidos e bemois, ou seja, quando grafado dentro de um compasso, só vale naquele compasso, naquela oitava específica. A última nota do compasso é o mesmo fá do início do compasso (numero 6), só que desta vez com um sustenido. Se não houvesse esse sinal de sustenido, esse fá seria interpretado como um fá natural, pois iria permanecer valendo o bequadro escrito no início do compasso.

No último compasso, a segunda nota é novamente um fá. Mas como é um outro compasso, fica valendo a alteração imposta pela armadura de clave, ou seja, essa nota será um fá sustenido (número 7). Mas, logo em seguida ocorre um novo bequadro sobre esse mesmo fá (número 8). É importante entender que esse bequadro só vale para esse segundo fá (número 8), não tendo validade nenhuma para o primeiro fá (número 7).



1.11 Intervalos

Intervalo é a distância entre duas notas quaisquer. Podem ser classificados como:

- Simples ou composto

Simples São os intervalos situados dentro de uma oitava

Composto São os intervalos maiores que uma oitava

- Harmônico ou Melódico

Harmônico São os intervalos executados simultaneamente

Melódico São os intervalos executados sucessivamente

- Ascendente ou descendente

Ascendente A primeira nota é mais grave que a segunda

Descendente A primeira nota é mais aguda que a segunda

- Maior, menor, justo, aumentado ou diminuto

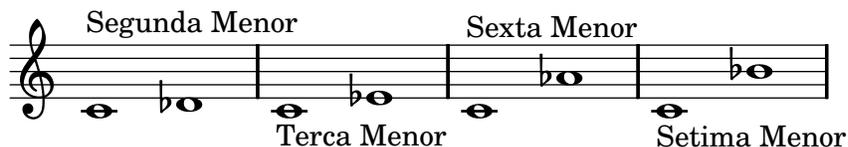
Maior Todos os intervalos entre a tônica de uma escala maior natural e qualquer um de seus graus são maiores (2, 3, 6 e 7) ou justos (1, 4, 5, 8).

- Segunda maior = 1 tom
- Terça maior = 2 tons
- Sexta maior = 4 1/2 tons
- Sétima maior = 5 1/2 tons



Menor É só diminuir em meio tom um intervalo maior

- Segunda menor = 1/2 tom
- Terça menor = 1 1/2 tom
- Sexta menor = 4 tons
- Sétima menor = 5 tons



Justo É chamado justo porque sua inversão dá outro intervalo justo

- Quarta justa = 2 1/2 tons
- Quinta justa = 3 1/2 tons



Aumentado É só aumentar em meio tom qualquer intervalo maior ou justo

- Segunda aumentada = 1 1/2 tom
- Terça aumentada = 2 1/2 tons
- Quarta aumentada = 3 tons
- Quinta aumentada = 4 tons
- Sexta aumentada = 5 tons



Diminuto É só diminuir em meio tom qualquer intervalo menor ou justo

- Terça diminuta = 1 tom
- Quarta diminuta = 2 tons
- Quinta diminuta = 3 tons
- Sexta diminuta = 3 1/2 tons
- Sétima diminuta = 4 1/2 tons



Enarmonia é o nome dado quando ocorre duas notas de mesma altura, mas nomes diferentes. Por exemplo, uma quarta aumentada é enarmônica de uma quinta diminuta.

Todo intervalo pode ser invertido. A soma dos números referentes à classificação de um intervalo e sua inversão sempre dá nove. Por exemplo: uma segunda invertida dá uma sétima (2+7=9); uma terça invertida dá uma sexta (3+6=9); uma quarta invertida dá uma quinta (4+5=9); uma quinta invertida dá uma quarta (5+4=9); uma sexta invertida dá uma terça (6+3=9); e finalmente, uma sétima invertida dá uma segunda (7+2=9).

Todo intervalo maior, quando invertido, vira um menor. Todo intervalo justo, quando invertido, continua justo. Todo intervalo diminuto, quando invertido, vira um aumentado. E vice-versa para qualquer uma dessas situações. Exemplo: uma terça menor (C# - E), quando invertida, vira uma sexta maior (E - C#).



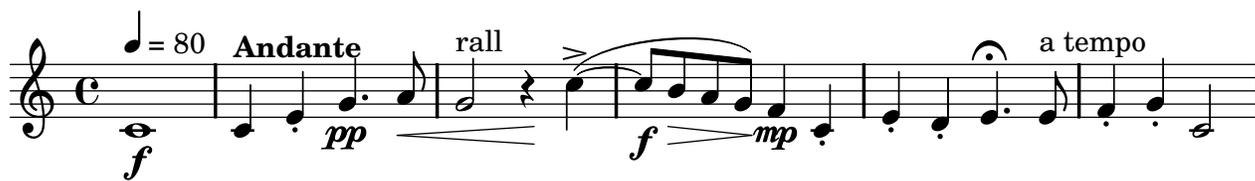
1.12 Sinais de articulação, dinâmica e agógica

Sinais de articulação são os sinais grafados sobre as notas musicais, que alteram a forma de executar aquela nota ou o modo de interpretar uma frase musical. Exemplo: estacato, fermata, ligaduras de expressão, acento, trinado, etc...

Sinais de dinâmica são os sinais geralmente grafados abaixo do pentagrama, que servem para indicar a intensidade com que se irá executar uma nota ou uma passagem musical. Exemplo: forte, fortíssimo, piano, pianíssimo, cresc., decres., etc...

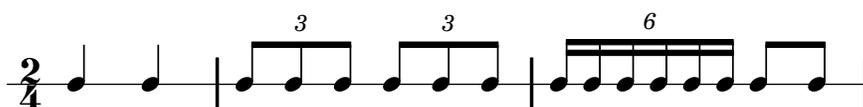
Sinais de agógica são os sinais ou expressões vinculadas à um determinado trecho musical, que irão afetar o andamento da música. Exemplo: presto, andante, largo, vivo, etc...

No exemplo abaixo estão grafados os seguintes sinais: Articulação (estacato e acento), Dinâmica (forte, pianíssimo, crescendo, forte, decrescendo, mezzo piano), Agógica (Andante, rallentando, e a tempo).



1.13 Quiálteras

São grupos irregulares (não binários) de notas que ocupam o valor de um tempo, ou um grupo de notas regulares (binários). Ou seja, na atual grafia da música ocidental, toda figura rítmica é subdividida por duas outras de igual valor. Dessa forma, as subdivisões regulares de um tempo é sempre resultante de uma progressão geométrica de razão dois (2, 4, 8, 16, 32, 64). Para se executar um grupo de notas diferentes dos previstos pela progressão acima exemplificada (e.g., 3, 5, 7, 9 notas), recorre-se ao uso de quiálteras.



1.14 Ponto de aumento e ligaduras de valor

O ponto de aumento é um ponto grafado à direita da cabeça da nota, e tem como função, acrescer em meio tom o valor original daquela figura rítmica. Por exemplo, enquanto uma semínima equivale à duas colcheias, uma semínima pontuda equivale à três colcheias.

A ligadura de valor é o sinal (arco) que liga duas notas de mesma altura. Nesse caso, só se deve executar a primeira nota, prolongando o sua duração à soma das figuras rítmicas ligadas. Simplificando, toca-se a primeira nota, e prolonga-se o som até o tempo correspondente à segunda nota, sem executá-la novamente. A diferença entre uma ligadura de valor e uma ligadura de expressão é que a primeira liga notas de mesma altura, enquanto que a segunda liga notas de alturas diferentes. A intenção da ligadura de expressão não é a de alterar o valor rítmico da primeira nota, e sim de alterar o modo de executar aquela passagem musical à qual ela está associada.



1.15 Síncope e contratempo

A síncope ocorre quando uma nota executada no tempo fraco for prolongada até o tempo forte, ou parte forte do tempo seguinte. O contratempo ocorre quando se executada uma nota no tempo fraco, sendo que o tempo forte anterior à nota executada for preenchido por pausa.



2 Teoria Musical

2.1 Tonalidades relativas

Toda tonalidade maior, assim como as escalas maiores, têm seus relativos menores. A relação é sempre de uma terça menor. As tonalidades relativas compartilham as mesmas alterações, assim como a mesma armadura de clave. Exemplo: Lá menor – Dó maior; Si menor – Ré maior; Fá# menor – Lá maior; Dó# menor – Mi maior.

As escalas podem ser formadas de duas maneiras distintas: através dos intervalos fixos entre os graus da escala, ou através dos tetracordes.

2.2 Graus da escala e funções Harmônicas

Os graus das escalas são grafados em numerais romanos e têm as seguintes nomenclaturas e funções:

- I – Tônica
- II – Sobretônica (Subdominante relativa)
- III – Mediante (Dominante relativa)
- IV – Subdominante
- V – Dominante
- VI – Submediante (Tônica relativa)
- VII – Subtônica ou sensível (Dominante com sétima sem tônica)

2.3 Formação de acordes tonais

2.3.1 Tríades

A harmonia na música tonal ocidental é baseada em tríades. Tríade é o conjunto de três notas, em terças sobrepostas. Dessa forma, cada tríade é formada por uma tônica, uma terça, e uma quinta. A partir da combinação de terças maiores (3M) ou menores (3m) é possível construir quatro tipos diferentes de tríades: maior, menor, aumentado, diminuto.

Maior Tônica – 3M – Terça maior – 3m – Quinta justa

Menor Tônica – 3m – Terça menor – 3M – Quinta justa

Diminuta Tônica – 3m – Terça menor – 3m – Quinta diminuta

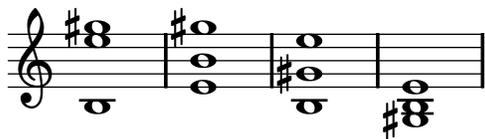
Aumentada Tônica – 3M – Terça maior – 3M – Quinta aumentada

2.3.2 Tétrades

Tétrade é o conjunto de quatro notas que, assim como as tríades, são formadas por terças sobrepostas. Uma tétrade pode ser entendida como uma tríade acrescida da sétima.

2.4 Inversão de acordes

A partir de Rameau, teórico do século XVII, passou a se reconhecer uma tríade como um acorde com a mesma função, independente de sua disposição na partitura. Ou seja, tanto faz se a nota mais grave é a tônica, ou se as notas estão dispostas de forma sucessiva em terças. No exemplo abaixo, a tríade de Mi maior está escrita de diferentes formas.

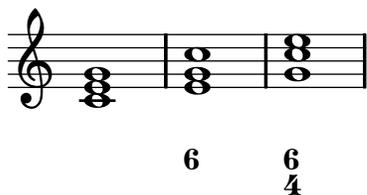


Nesse caso percebe-se que todos os acordes são iguais, ou seja, Mi maior, independente da disposição das notas. Só importa que estejam as três notas que formam a tríade, nesse caso, a tônica (E), a terça maior (G#), e a quinta justa (B). Isso fez com que se desenvolva-se a teoria da inversão de acordes. A inversão do acorde diz respeito somente à nota do acorde que está mais grave. No caso da tríade, existem três posições possíveis, vide exemplo abaixo:

Posição Fundamental quando a tônica está no baixo.

Primeira inversão quando a terça está no baixo

Segunda inversão quando a quinta está no baixo



2.5 Análise musical

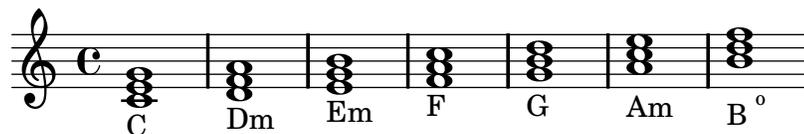
Toda prática musical, assim como sua audição, exige algum nível de análise musical. De forma generalizada, uma análise musical ocorre quando determinados signos musicais são comparados com outros, objetivando a alguma forma de compreensão musical. Numa aplicação mais musicológica do termo, pode-se dizer que a análise musical é a “interpretação das estruturas musicais, juntamente com sua resolução em seus elementos constitutivos mais simples, e a investigação das funções relevantes desses elementos¹”.

2.5.1 Análise Harmônica

A análise harmônica consiste, basicamente, em identificar as estruturas verticais em determinado trecho musical, e desvelar sua função harmônica. De forma mais simplificada, uma análise harmônica ocorre quando se identifica quais os acordes (tríades ou tétrades) de um trecho musical. Numa análise musical pode-se informar simplesmente:

1. Nome e a qualidade do acorde (e.g., dó maior ou dó menor);

¹Ian D. Bent e Anthony Pople, “Analysis”, *The New Grove Dictionary of Music On Line*, ed. L. Macy (acessado em dezembro de 2004).



2. O grau em relação à tonalidade e sua inversão (posição fundamental, primeira ou segunda inversão);



3. Sua função (Tônica, dominante, etc...).



3 Instrumentação e orquestração

Tessitura é o conjunto de notas delimitadas pela nota mais grave e a nota mais aguda que um instrumento pode executar. De acordo com o Houaiss: 1) disposição das notas para se acomodarem a uma determinada voz ou a um dado instrumento; 2) série das notas mais freqüentes numa peça musical, constituindo a extensão média na qual ela está escrita; 3) escala de sons de um instrumento; 4) m.q. âmbito ('intervalo').

Textura, por sua vez, significa a trama do tecido sonoro musical, a quantidade e qualidade das ocorrências sonoras num mesmo trecho musical, ou melhor, a forma com que as diversas vozes ou instrumentos musicais são organizados e executados. Entre as texturas mais comuns estão:

Monofônica Quando uma, ou mais vozes, executam uma mesma linha melódica, em unísono ou oitavas. Exemplo: canto gregoriano.

heterofônica Quando duas, ou mais vozes, executam linhas melódicas com a mesma divisão rítmica, sem que sejam obrigatoriamente paralelas, ou seja, podem haver movimentos paralelos, oblíquos e contrários, mas sempre com a mesma divisão rítmica. Exemplo: escrita coral.

Polifônica Quando duas, ou mais vozes, executam linhas melódicas com ritmos diferentes, adquirindo cada qual uma independência sonora. Exemplo: Fuga.

3.1 Seções da orquestra e tessituras individuais

Os instrumentos musicais se classificam em quatro categorias amplas: sopros, cordas, percussão e eletrônicos. Cada qual com suas subdivisões e características idiossincráticas. Abaixo está a classificação dos instrumentos, seus agrupamentos orquestrais e tessituras individuais.

1. Madeiras

- (a) Flauta Piccolo Instrumento de sopro (embocadura livre), transpositor – soa uma oitava acima do que está escrito.



- (b) Flauta Instrumento de sopro (embocadura livre).



- (c) Flauta Alto Instrumento de sopro (embocadura livre), transpositor – soa uma quarta abaixo do que está escrito.



- (d) Oboé Instrumento de sopro (palheta dupla).



- (e) Corne Inglês Instrumento de sopro (palheta dupla), transpositor – soa uma quinta abaixo do que está escrito.



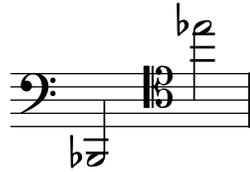
- (f) Clarinete Instrumento de sopro (palheta simples), transpositor – soa uma segunda abaixo do que está escrito.



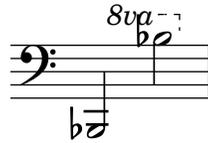
- (g) Clarinete Baixo Instrumento de sopro (palheta simples), transpositor – soa uma segunda abaixo do que está escrito.



- (h) Fagote Instrumento de sopro (palheta dupla).



- (i) Contra Fagote Instrumento de sopra (palleta dupla), transpositor – soa uma oitava abaixo do que está escrito.



2. Metais

- (a) Trompa Instrumento de sopra (bocal), transpositor – soa uma quinta abaixo do que está escrito.



- (b) Trompete Instrumento de sopra (bocal), transpositor – soa uma segunda abaixo do que está escrito.



- (c) Trombone Tenor Instrumento de sopra (bocal).



- (d) Tuba Instrumento de sopra (bocal).



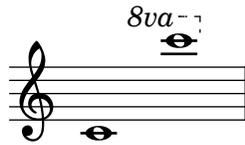
3. Percussão

São divididos em quatro categorias: idiofones, membranofones, cordofones e aerofones, cada grupo sendo dividido em instrumentos de altura definida, instrumentos de altura indefinida, e instrumentos que, mesmo sendo considerados de altura indefinida, podem ser afinados para alturas aproximadas.

- (a) Idiofones

- i. Instrumentos de altura definida

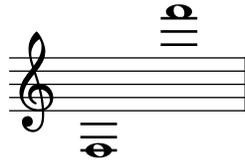
A. Xilofone (transpositor – soa uma oitava acima do que está escrito)



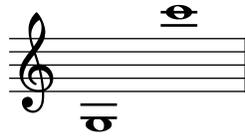
B. Marimba



C. Vibrafone



D. Glockenspiel (transpositor – soa duas oitavas acima do que está escrito)



ii. Instrumentos de altura indefinida

Metais

- A. Triângulo
- B. Pratos
- C. Anvil (bigorna)
- D. Cowbell
- E. Tam-tam

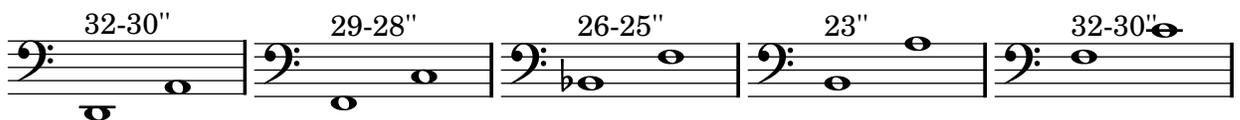
Madeira

- A. Claves
- B. Castanholas
- C. Maracas
- D. Reco-reco (guiro)
- E. Templeblock
- F. Woodblock
- G. Matraca
- H. Chicote

(b) Membranofones

i. Instrumentos de altura definida

A. Tímpanos



B. Roto Tons

ii. Instrumentos de altura indefinida

A. Caixa clara

B. Bombo

(c) Cordofones

i. Cimbalon

ii. Piano

iii. Cravo

(d) Aerofones

i. Apitos

ii. Sirenes

iii. Buzinas

4. Vozes

(a) Soprano



(b) Meio-soprano



(c) Contralto



(d) Tenor



(e) Barítono



(f) Baixo



5. Cordas

(a) Violino



(b) Viola



(c) Violoncelo



(d) Contrabaixo (transpositor – soa uma oitava abaixo do que está escrito)



4 Bibliografia Básica

- BENNETT, R. Uma breve história da música. Trad. Maria Teresa Resende Costa. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BENNETT, R. Elementos básicos da música. Trad. Maria Teresa Resende Costa. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BENNETT, R. Forma e Estrutura na Música. Trad. Luis Carlos Csëko. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- LACERDA, Osvaldo. Teoria elementar da música. 5 ed. São Paulo: Ricordi, s/d.
- LOVELOCK, William. História concisa da música. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MED, Bohumil. Solfejo. Brasília: Musimed, 1980.
- MED, Bohumil. Teoria da Música. 3 ed. Brasília: Musimed, 1980.
- PRIOLLI, Maria Luísa de Mattos. Princípios básicos da música para a juventude. 3 ed. Rio de Janeiro: Iguassu, 1956. 2 v.
- PRIOLLI, Maria Luísa de Mattos. Harmonia: da concepção básica à expressão contemporânea. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Músicas, 1977 (v.1) e 1987 (v.2).
- Scliar, Ester. Teoria Musical. São Paulo. Editora Novas Metas, 1985.
- Zamacois, Joaquim. Teoria da Música. 5ª ed. Livro I e II. Buenos Aires. Editora Labor S.A., 1967.